

# Recompondo Imagens: práticas e epistemologias visuais no Antropoceno

## Recomposing images: visual practices and epistemologies in the Anthropocene

Ísis Daou<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Mestre, [isisdaou@gmail.com](mailto:isisdaou@gmail.com)

### Resumo

Esta pesquisa de doutorado em andamento na ESDI/UERJ, vinculada ao Laboratório de Design e Antropologia, investiga a colagem e a montagem como práticas visuais de recomposição no contexto do Antropoceno. Parte-se da saturação contemporânea de imagens e da fragmentação das subjetividades para adotar a colagem não apenas como objeto de análise, mas como método de investigação que articula gesto, materialidade e imaginação. A partir de autoras como Donna Haraway e Anna Tsing, e de pensadores latino-americanos como Antônio Bispo dos Santos e Milton Santos, busca-se compreender as imagens como matéria ativa em constante formação. Noções de bricolagem (LÉVI-STRAUSS, 1989), correspondência (GATT; INGOLD, 2013) e forma-conteúdo (SANTOS, 2012) sustentam a hipótese de que recompor imagens é também recompor mundos, reorganizando sentidos e ensaiando futuros possíveis com os fragmentos disponíveis.

**Palavras-chaves:** Imagens. Colagem. Antropoceno. Epistemologias latino-americanas.

### Abstract

*This ongoing doctoral research at ESDI/UERJ, within the Laboratory of Design and Anthropology, investigates collage and montage as visual practices of recomposition in the context of the Anthropocene. It departs from the contemporary saturation of images and the fragmentation of subjectivities to approach collage not only as an object of analysis but also as a method of inquiry interlacing gesture, materiality, and imagination. Drawing on authors such as Donna Haraway and Anna Tsing, and Latin American thinkers like Antônio Bispo dos Santos and Milton Santos, the study understands images as active matter in continuous formation. Concepts such as bricolage (LÉVI-STRAUSS, 1989), correspondence (GATT; INGOLD, 2013), and form-content (SANTOS, 2012) sustain the hypothesis that recomposing images also means recomposing worlds, reorganizing meanings, and rehearsing possible futures with the fragments at hand.*

**Keywords:** Images. Collage. Anthropocene. Latin American epistemologies.

Minha trajetória acadêmica articula-se entre design e antropologia, sempre em diálogo com práticas visuais e reflexões críticas sobre a produção de conhecimento. Formei-me em Design pela ESDI/UERJ e desenvolvi pesquisa de mestrado voltada à investigação de imagens derivadas da bandeira brasileira entre 2013 e 2023, analisando processos de apropriação, ressignificação e contestação desse símbolo nacional no espaço digital. Atualmente, sou doutoranda na linha de pesquisa Design, Territorialidades e Antropoceno (ESDI/UERJ), vinculada ao Laboratório de Design e Antropologia (LaDA), onde desenvolvo pesquisa sobre colagem e montagem como práticas visuais de recomposição em meio a paisagens de ruína e recomposição (TSING, 2019). Esse percurso é atravessado por inquietações sobre como o design pode contribuir para imaginar futuros mais habitáveis e sobre como as imagens participam da constituição de subjetividades e imaginários coletivos. No doutorado, a colagem não é apenas objeto de análise, mas também método de investigação: um modo de pensar-fazendo, em que o conhecimento emerge do gesto criativo e do envolvimento com os materiais. Parto da constatação de que vivemos saturados por imagens. Essa superabundância não apenas reflete modos de vida, mas os modula: afeta nossa sensibilidade, atenção, subjetividade e capacidade de imaginar coletivamente. Durante o século XX, colagens e fotomontagens se popularizaram como formas expressivas de lidar com o excesso visual e com os resíduos da indústria gráfica, funcionando também como testemunhos dos impactos históricos – e ainda atuais – dessas indústrias sobre os ecossistemas. Hoje, no horizonte do Antropoceno, compreendido como regime temporal moldado por ações humanas e políticas de desenvolvimento (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, 2014), as imagens não são apenas documentos de um real anterior, mas matéria ativa de um presente em ruínas e em recomposição constante. Trabalhar com imagens compostas significa, portanto, lidar com restos e fragmentos, acompanhar fluxos e forças que animam os materiais e reconhecer na própria instabilidade das formas um campo fértil de investigação. A colagem é assumida aqui não apenas como técnica expressiva, mas como modo de investigação visual enraizado em concepções que entendem o mundo como processo contínuo de formação. Milton Santos (2012) propõe a noção de forma-conteúdo, que une processo e resultado, função e forma, sujeito e objeto, natural e social. Essa visão rompe com dicotomias herdadas da modernidade e nos convoca a pensar a imagem como parte de um tecido de relações materiais e sociais. Em diálogo, Tim Ingold (2012) diferencia coisas de objetos: enquanto o objeto é tomado como produto finalizado, a coisa permanece em formação, atravessada por forças e fluxos. Ingold nos lembra que, em um mundo vivo, a relação essencial não é entre matéria e forma, mas entre materiais e forças. A prática da colagem, quando pensada nesse horizonte, torna-se epistemologia processual e relacional: ao

cortar, sobrepor e recompor fragmentos, o gesto acompanha o movimento dos materiais e cria correspondências entre fragmentos visuais, tempos históricos e imaginários possíveis. Essa abordagem se aproxima também da noção de bricolagem desenvolvida por Lévi-Strauss (1989), que contrasta o pensamento do *bricoleur* ao do engenheiro. Enquanto o engenheiro projeta a partir de um plano prévio, o *bricoleur* trabalha com um repertório limitado de restos, resíduos e materiais disponíveis, criando novas estruturas a partir do que já existe. A bricolagem, nesse sentido, não é apenas uma técnica, mas uma epistemologia que opera por improviso, associação e recomposição – exatamente o que está em jogo na prática da colagem. A pesquisa se organiza em torno de três movimentos que se entrelaçam. O primeiro trata da fragmentação das subjetividades no presente, marcada pela saturação visual e pela instabilidade das formas de ver. O segundo enfatiza o gesto da recomposição, em que cortar, sobrepor e colar se tornam formas de pensar, sentir e narrar com os fragmentos disponíveis. O terceiro se volta às imagens derivadas, produzidas e recirculadas em um presente de ruínas, incluindo as geradas por inteligência artificial, que evidenciam tanto novas camadas de composição quanto os custos ambientais e políticos de tais práticas. Esses três movimentos convergem na ideia de que recompor imagens é também recompor mundos: reorganizar sentidos, reativar afetos e ensaiar futuros possíveis com os materiais do presente. Ao trabalhar com o Antropoceno, considero essencial recorrer a pensadores brasileiros e latinoamericanos que oferecem perspectivas críticas ao progressismo e às lógicas de exploração. Antonio Bispo dos Santos (2023) propõe a noção de compartilhantes e de confluência, que contrapõe relações de dominação a relações de compartilhamento: um rio não deixa de ser rio porque conflui com outro; ao contrário, se fortalece. Essa imagem sugere pensar o conhecimento como movimento circular, que se multiplica em vez de se reduzir. Milton Santos (2012), ao falar da inseparabilidade entre sistemas de objetos e ações, desmonta as purificações modernas entre natural e social, técnico e político. Sua noção de forma-conteúdo ecoa, nesse sentido, a correspondência proposta por Gatt e Ingold (2013), em que sujeitos e objetos se criam mutuamente no evento, em constante formação. Essa visão aproxima-se ainda da crítica de Haraway (1995) ao olhar exploratório da tradição ocidental, que captura e possui, como a história da fotografia tão bem exemplifica. As práticas de colagem e montagem tensionam esse paradigma, abrindo espaço para imaginar imagens como práticas circulares, relacionais e partilhadas. É nesse espírito que participo deste encontro de doutorandos, trazendo algumas propostas para debate coletivo: como inserir no campo do design epistemologias brasileiras e latinoamericanas que questionam o progressismo linear e propõem circularidade, confluência e compartilhamento; como práticas visuais podem tensionar o paradigma ocidental do olhar exploratório e abrir espaço para modos de ver circulares e responsivos; e como legitimar a fabulação e a especulação como práticas de pesquisa válidas no

doutorado, em meio a métricas acadêmicas que privilegiam resultados lineares e finalizados. Este resumo expandido apresenta, assim, uma pesquisa em andamento que situa a visualidade contemporânea e as práticas de composição imagética no contexto do Antropoceno, explorando a colagem como gesto metodológico e epistemológico capaz de articular fragmentos visuais, subjetividades em ruína e imaginários especulativos. Nesse horizonte, pensar imagens é também pensar territórios, e recompor imagens é recompor mundos.

## Referências

DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Instituto Socioambiental; Cultura e Barbárie, 2014.

GATT, Caroline; INGOLD, Tim. **From description to correspondence**: anthropology in real time. In: GUNN, Wendy; OTTO, Ton; SMITH, Rachel Charlotte (orgs.). *Design Anthropology: theory and practice*. London; New York: Bloomsbury, 2013. p. 242-274.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, n. 5, p. 7-41, 1995.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Campinas: Papyrus, 1989.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu, 2023.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2012.

TSING, Anna. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB; Mil Folhas, 2019.